
Editorial

A *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* inicia, com este número, o terceiro ano de publicação regular e ininterrupta e vai se constituindo relevante fórum onde pesquisas científicas são relatadas e discutidas.

Este é, pois, um bom momento para uma nova especificação da posição da Psicopatologia Fundamental que determina a linha editorial da *Revista*.

Tem sido dito, repetidas vezes, que a Psicopatologia Fundamental é assim denominada para se diferenciar da Psicopatologia Geral. Enquanto esta, nascida no início do século, na Alemanha, procura fornecer uma fenomenologia da enfermidade psíquica ou psiquicamente determinada, aquela está interessada no *pathos* a partir da prática clínica. Nos diversos artigos já publicados nesta *Revista*, vai ficando claro que o *pathos* é força assujeitadora e significativa constituindo, assim, uma subjetividade. Em outras palavras, a ênfase da Psicopatologia Fundamental encontra-se no sujeito sofredor de um movimento que é a expressão da impressão exterior. *Pathos* pode ser confundido ora com a paixão ora com o vício. O caminho que separa *pathos* da grande paixão pode ser longo e, por vezes, felizmente ou não, intransponível, mas estas duas realidades não deixam, por isso, de ser da mesma natureza. Das pequenas alegrias ao amor, das dificuldades absorventes às idéias obsedantes, do desejo de viver à paixão pelo lucro, a linha é contínua. Como é possível, contudo, traçá-la e estabelecer assim uma fronteira entre essas paixões devoradoras e as emoções passageiras, tendo mais a ver com estados cotidianos do que correntezas irresistíveis? Deveremos, aqui, seguir Kant, quando dis-

tingue os *afetos* das *paixões*? “A inclinação que a razão do sujeito não consegue dominar ou só domina com custo é a *paixão*. Pelo contrário, o sentimento de prazer ou de desprazer sentido no estado presente e que, no sujeito, não dá lugar à *reflexão* (representação da razão a partir da qual reconhecemos se devemos nos entregar a esse sentimento ou rejeitá-lo) é a emoção (*Affect*)”¹. Esta distinção está evidentemente marcada por uma preocupação ética e ultrapassa a mera descrição. A neutralidade assexuada da emoção separa-a da paixão, em nome precisamente do opróbrio lançado sobre ela levando-nos a considerá-la como autônoma. Desse modo, a emoção constituirá um estado normal da vida psíquica, enquanto a paixão exprimirá seu lado patológico. Perde-se, assim, a marca do passional, a sua origem; arriscamo-nos a já não o poder explicar e a ver a paixão como um ser totalmente à parte.

Se esta concepção é, em muitos aspectos, tardia, isto não significa que toda teoria das paixões não apresente constantes, marcando-a ao longo de sua história. Aquém do *logos* e do universal, ela é o próprio singular, o flutuante, logo, o sensível. Mas se a este título ela levanta problemas ao *logos* que a reflete, o simples fato desta reflexão ser possível mostra bem que a paixão é simultaneamente sensível e algo de intelectualizável. Entretanto, a Psicopatologia Fundamental, inserindo-se num contexto psicoterapêutico, não pretende refletir sobre a paixão, mas transformá-la em uma experiência. Trata-se, então, de elaborar um pensamento que não é reflexivo, mas nascente da própria paixão e que é um relato para um outro disposto a ouvi-lo. Nesta ótica, a paixão pode ser o ponto de convergência da consciência sensível, irrefletida, dirigida para objetos externos e internos, e de um *logos* dirigido a um outro disposto a ouvi-lo, constituindo, assim, uma situação psicoterapêutica. O *pathos*, como a paixão, é signo de nossa singularidade e é, ao mesmo tempo, a sede de nossa identidade: somos o que experimentamos e sentimos. A paixão que nos submergir irá apagar das nossas preocupações tudo o que lhe for exterior. Se ela é esse estado de fusão que condensa em uma só força o nosso ser e os nossos desejos, como se afirma desde o Romantismo, se nos dá esse sentimento de por fim existir, é também, pelo seu caráter singularizante, aquilo que nos diferencia mais uns dos outros. A lógica das paixões em uma comunidade humana é uma lógica da identidade e da diferença. Aproximam, unem os homens, e causam também sua perda. A paixão, o *pathos*, é a própria alternativa – e, assim, se distingue do vício. Este é pura repetição corrosiva como admiravelmente nos lembra Nelson Ascher, com seu poema *Vício**:

1. Michel Meyer. *O filósofo e as paixões. Esboço de uma história da natureza humana*. Porto: ASA, 1994.

* Publicado no caderno “Mais!” do jornal *Folha de S. Paulo* de 27.2.2000.

*Cigarro, sim, mas, uma
após outra, asfixiando-me
ao deliciosamente
adulterarem o ar –*

*álcool também, mas, pouco
a pouco, submetendo-me,
conforme eu me entorpeço,
à sua própria lógica –*

*açúcar, pois, mas, dia
a dia, deformando-me
perversas ao sabor
de seu letal sabor –*

*sexo, afinal, mas, cada
vez mais, pondo em perigo
meu (se é que ainda existe)
sistema imunológico –*

*mais do que tudo, embora
(como carcomem minha
traquéia, meu esôfago,
meu reto e minha uretra)*

*mereçam a advertência
de que à saúde causam
irreparáveis danos,
viciam-me as palavras.*

O *pathos* é aquilo que nos afasta da idêntica repetição destrutiva do vício e da observância das regras, desde sempre tão caras aos nossos moralistas. Aquilo que se pode inverter, a alternativa, a reversibilidade, a reviravolta, está marcado pelo signo do tempo e nos torna sujeitos da catástrofe (reviravolta, em grego). O fato de o homem viver no tempo faz com que possa perder aquilo que adquiriu e que aquilo que parecia impossível se imponha como inevitável. À medida que exprime precisamente nossa problematicidade, a nossa contingência, e isso de uma forma irredutível, a paixão, o *pathos* surge como o ponto de apoio quase metafísico daquilo que se deveria chamar, com todas as reservas de utilização, “a condição humana”.

Ela cria a necessidade de um destino onde só havia liberdade aparente. Ela tanto nos eleva acima de nós próprios como nos faz descer ao mais baixo. Assim, para além do que normalmente há de moralizador no discurso sobre as paixões, existe nelas uma dimensão estética podendo conduzir o homem ao sublime, tanto no horror como na grandeza podendo, também, gerar uma situação psicoterapêutica desde que ocorra a emergência de um discurso transformador da paixão numa experiência.

A Psicopatologia Fundamental é, portanto, um discurso emergente da prática clínica procurando transforma-la em uma experiência, isto é, *logos* que, na condição de ser escutado por alguém, permite essa reviravolta psicoterapêutica.